

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

JULIA AFONSO MARTINS

**CIRCO VOADOR: UMA ANÁLISE SOBRE SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE
CARIOCA E NA CONSAGRAÇÃO DE ARTISTAS**

RIO DE JANEIRO - NITERÓI

2023

JULIA AFONSO MARTINS

**CIRCO VOADOR: UMA ANÁLISE SOBRE SEUS EFEITOS NA SOCIEDADE
CARIOCA E NA CONSAGRAÇÃO DE ARTISTAS**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marina Bay Frydberg

RIO DE JANEIRO - NITERÓI

2023

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

M379c Martins, Julia Afonso
Circo Voador: uma análise sobre seus efeitos na sociedade carioca e na consagração de artistas / Julia Afonso Martins.
- 2023.
- 56 f.: il.

Orientador: Marina Bay Frydberg.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.

1. Consagração. 2. Música. 3. Produção intelectual. I. Frydberg, Marina Bay, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao décimo oitavo dia do mês de dezembro do ano de 2023, às dez horas, realizou-se de forma remota (online), em conformidade com resoluções do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense - CEPEX/UFF no 637/2022 e 1.59/2022 - a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **Circo Voador: Uma análise sobre seus efeitos na sociedade carioca e na consagração de artistas**, apresentado por **Julia Afonso Martins**, matrícula 218033071, sob orientação do(a) **Dra. Marina Bay Frydberg**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Marina Bay Frydberg**
- 2º Membro: **Dr. Wallace de Deus Barbosa**
- 3º Membro: **Me. Renan do Nascimento Santos**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: *10,0*

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Valéria e Carlos, por todo o apoio e encorajamento ao longo da minha trajetória e por acreditarem sempre no meu potencial. O suporte de vocês foi essencial para a realização deste trabalho.

Aos meus avós, Maria Helena e Carlos, obrigada por todo carinho, amor e acolhimento que sempre me deram e pela participação em todos momentos.

Ao meu namorado, Marcus, pela constante presença e pelo companheirismo ao longo desta jornada, compartilhando alegrias e superando desafios juntos.

À minha melhor amiga, Paola, cuja amizade é um presente que carrego desde sempre. Obrigada por ouvir, aconselhar e celebrar comigo.

À minha amiga, Maria Fernanda, por sempre estimular minha criatividade e apoiar nas dificuldades.

Às minhas amigas da graduação, companheiras leais nesta jornada. Juntas, construímos memórias inesquecíveis. Vocês tornaram essa jornada mais rica e significativa.

Aos meus professores de música, Isaac, Mercedes e Aloysio, obrigada por criarem um ambiente de aprendizado acolhedor e pela imensa contribuição no meu interesse pela música.

À minha orientadora, Marina, pela orientação cuidadosa e paciência. Suas contribuições foram fundamentais para a qualidade deste trabalho.

Aos membros da banca de avaliação deste trabalho, Renan e Wallace, pela disposição em dedicar seu tempo e conhecimento para analisar esta pesquisa.

Aos entrevistados, Lencinho, Carol Mathias e João Soto, cuja participação generosa e solícita enriqueceu este trabalho. Obrigada pela disposição em compartilhar um pouco de suas vivências e impressões comigo.

RESUMO

O Circo Voador é um equipamento cultural que está há 41 anos situado na cidade do Rio de Janeiro, movimentando o cenário da música no Brasil. O espaço é muito conhecido por receber shows de artistas diversos, mas também possui muitas atividades, como oficinas ligadas à música e à dança. Nesse sentido, este trabalho investiga, através da análise de bibliografia sobre o Circo Voador, de reportagens do jornal O Globo e de entrevistas com produtor da Iona e com integrantes de bandas novatas, como esse espaço influencia a sociedade carioca e a carreira de novos grupos musicais, se engajando com a comunidade a sua volta e consagrando os artistas que passam por seu palco.

Palavras-chave: Circo Voador; capital simbólico; consagração; música

ABSTRACT

Circo Voador is a cultural venue that has been located in the city of Rio de Janeiro for 41 years, energizing the music scene in Brazil. The space is well-known for hosting shows by various artists, but it also offers many activities, such as workshops related to music and dance. In this sense, this work investigates, through the analysis of literature about Circo Voador, articles from the newspaper 'O Globo,' and interviews with Circo's producer and members of emerging bands, how this space influences society in Rio de Janeiro and the careers of new musical groups, engaging with the surrounding community and consecrating the artists who pass through its stage.

Keywords: Circo Voador; symbolic capital; consecration; music

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTOS

Foto 1 - Circo Voador no Arpoador no verão de 1982.....	19
Foto 2 - Circo Voador na Lapa na década de 1990.....	19
Foto 3 - Circo Voador na Lapa, atualmente.....	19
Foto 4 - Show do Barão Vermelho no Circo Voador na década de 1980.....	36
Foto 5 - Show do Barão Vermelho no Circo Voador em 2021.....	49
Foto 6 - Show da Troá no Circo Voador em 2023.....	49

SUMÁRIO

Introdução.....	08
1 - História do Circo Voador.....	11
1.1 - Criação e consolidação do Circo Voador.....	11
1.2 - Movimentações para a reabertura do Circo Voador.....	15
1.3 - Reabertura e Circo Voador nos dias atuais.....	16
2 - Impacto cultural e social do Circo Voador na cidade do Rio de Janeiro.....	20
2.1 - O sucesso e a importância cultural do Circo Voador.....	20
2.2 - Papel do Circo Voador na revitalização da Lapa.....	25
2.3 - Relação do Circo Voador com a comunidade.....	27
3 - A consagração no palco do Circo Voador.....	34
3.1 - Década de 1980.....	34
3.2 - Década de 1990.....	36
3.3 - Década de 2000.....	38
3.4 - Década de 2010.....	40
3.5 - Década de 2020.....	41
Considerações finais.....	50
Referências.....	52

Introdução:

Este trabalho tem como tema analisar o Circo Voador como um espaço importante para a sociedade carioca e para a consagração de novos grupos musicais que passam por lá. O interesse por pesquisar esse tema vem do encanto que o Circo Voador me desperta, desde que, na minha adolescência, eu vi a lona no Arpoador, que ficou montada lá, por três dias, em 2015, e toda a mobilização que ela causava no lugar. Esse encanto, junto com a relação que eu possuo com a música, sempre buscando conhecer novas bandas e sons, fez com que a lona e toda a sua contribuição para a música brasileira, a partir dos anos 80, me fascinasse. Além da afetividade que possuo com este local, entendo também a importância que é realizar uma pesquisa que pense sobre esse equipamento cultural que está, há mais de 40 anos, entre idas e vindas, movimentando a cidade do Rio de Janeiro, criando vínculos com a sociedade carioca, abrindo espaço para o surgimento de novos nomes na música nacional.

Entre os objetivos da pesquisa está analisar como se dá a relação do Circo Voador com a sociedade carioca, e se o espaço causa modificações nela. O trabalho também pretende averiguar se, ainda hoje, o Circo é um local importante para os novos grupos musicais, ajudando a consagrá-los e se sim, entender como isso ocorre.

Para isso foram utilizadas como metodologia a análise bibliográfica e fílmica de livro, artigo e vídeo sobre o tema, para contar a história do Circo Voador. Também foram analisadas reportagens sobre a lona, desde a década de 1980 até os dias atuais, do jornal O Globo, que foi escolhido devido sua credibilidade e pelo acervo extenso e de fácil acesso que possui, para dar conta de entender os impactos que a lona teve na sociedade carioca e na carreira de novos artistas ao longo de seus 41 anos de existência. Dessas reportagens, todas encontradas no acervo online do jornal O Globo, 57 foram selecionadas para compor este trabalho. Para entender como se dá a relação do Circo com os artistas nos dias atuais e se ele ainda é considerado por esses novos grupos como um local que pode consagrar-los foram usadas como base entrevistas feitas por mim, via mensagem de áudio, com os artistas novatos Carol Mathias, da dupla Troá, e João Soto, da banda Aquino e a Orquestra Invisível, ambos escolhidos por fazerem parte da nova cena musical e por

já terem tocado, pelo menos uma vez, no palco do Circo Voador, e com Lencinho, produtor da lona. Também foram usados, para embasamento teórico do trabalho, o livro “As Regras da Arte”, de Pierre Bourdieu (1996), “A Natureza do Espaço”, de Milton Santos (2006) e “A Conveniência da Cultura: Usos da Cultura na era Global”, de George Yúdice.

O trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro é contada a história do Circo Voador, dando um panorama geral da ebulição cultural que ele causou na cidade quando pousou no Arpoador e depois quando se mudou para a Lapa e falando sobre o Rock Voador, evento que acontecia aos sábados na lona e foi responsável por consagrar diversos nomes do BRock dos anos de 1980. O capítulo segue narrando sobre os anos difíceis que a diretora do local, Maria Juçá, passou lutando pela sua reabertura, após seu fechamento, em 1996, pelo prefeito César Maia e sobre o processo de reabertura e a relação do Circo com a sociedade e o cenário musical nos dias de hoje.

O segundo capítulo foca em apontar, a partir da análise de reportagens do jornal O Globo, os impactos que o Circo teve e tem para a cultura e a sociedade carioca e é dividido em três subtópicos. No primeiro é falado sobre a importância que a lona ganhou desde que chegou no Arpoador, sendo apontado por diversas matérias como um ponto de encontro para a juventude e artistas cariocas, e sobre como o local manteve essa relevância ao longo dos seus 41 anos de existência, mesmo com alguns obstáculos pelo caminho, como reclamações de barulho por parte dos moradores das proximidades, e seu fechamento, na década de 1990. O segundo subtópico tem o objetivo de mostrar as mudanças que a chegada do Circo Voador causou na Lapa, revitalizando a vida cultural do bairro e trazendo novamente a imagem de boemia para o local. O terceiro analisa a relação entre o Circo Voador e os moradores ao seu redor. Neste subtópico, são apontadas desde ações em benefício e em conjunto com a comunidade do bairro, em que a lona, muitas vezes, age como espécie de uma ONG, contribuindo para um bom convívio entre as duas partes, até os atritos entre os moradores e o espaço cultural, causados pelo alto volume dos shows que aconteciam por lá, e que foram apontadas pelo prefeito César Maia, como o principal motivo para seu fechamento em 1996, fato que causou comoção em diversos setores da sociedade e da classe artística.

O terceiro capítulo do trabalho traz como discussão o papel que o Circo possui na consagração de artistas e como ele conseguiu esse poder de consagrar. Para isso, o capítulo é dividido em décadas e mostra, através de reportagens do jornal O Globo, qual foi a influência da Iona na carreira dos artistas ao longo dessas décadas. Para a análise nos dias atuais foram usadas também entrevistas feitas com artistas novatos que já tocaram no palco do Circo e com um dos produtores do local, Lencinho. Permeando essa discussão está o conceito de capital simbólico de Pierre Bourdieu (1996) que nos ajuda a entender sobre como ocorre a consagração no meio das artes.

1 - História do Circo Voador

Este capítulo apresenta a história do Circo Voador, desde o seu surgimento no Arpoador, passando pela sua ida para a Lapa, seu fechamento na década de 1990, a luta pelo seu retorno, sua reabertura no início dos anos 2000 e a situação da lona atualmente. Assim, o capítulo é dividido em três subtópicos, são eles: Criação e consolidação do Circo Voador; Movimentações para a reabertura do Circo Voador; Reabertura e Circo Voador nos dias atuais.

Contar a trajetória desse espaço cultural, que possui grande relevância na cultura carioca é importante para começarmos a entender como se deu, e se dá até hoje, a relação do mesmo com a sociedade carioca e os grupos musicais.

1.1 - Criação e consolidação do Circo Voador

No início da década de 1980, o Brasil passava por um período de transição entre a ditadura militar e a volta da democracia, momento em que a sociedade e, principalmente os jovens, voltaram a compreender a importância da mobilização popular e em que os artistas buscavam espaço para se expressar e criar de maneira direta (VIDAL, 2006). Na cidade do Rio de Janeiro, não foi diferente, os ares da abertura política também eram sentidos pelos artistas cariocas que passavam a se expressar a partir de diversas manifestações artísticas como o teatro, o circo, a dança e a música, muitas vezes, inclusive, misturando essas linguagens. Foi nesse contexto que nasceu o Circo Voador, como um “resultado orgânico e óbvio de toda efervescência cultural e artística que se vivia nos anos 80 no Rio de Janeiro” (VIDAL, 2006, p. 65).

Inicialmente localizado no Arpoador, durante o verão de 1982, o Circo Voador, idealizado por Perfeito Fortuna¹, Chacal², Breno Moroni³, Nelson Motta⁴ e Hamilton

¹ Ator, produtor e promotor de eventos luso-brasileiro, membro do grupo teatral Asdrúbal Trouxe o Trombone.

² Poeta e letrista brasileiro.

³ Ator, dramaturgo, mímico e artista circense brasileiro.

⁴ Jornalista, compositor, roteirista, escritor, produtor musical, teatrólogo e letrista brasileiro.

Vaz Pereira⁵, surge como um local para que os jovens artistas, principalmente da Zona Sul carioca, pudessem se apresentar, algo que estava em falta naquele momento. Logo em seu dia de estreia, no dia 15 de janeiro, já teve os 700 lugares da casa lotados, como aponta a matéria publicada no Caderno Cidade do Jornal do Brasil, no dia 17 de janeiro de 1982. Além disso, no mesmo dia 17, dois dias depois de sua inauguração, a lona recebeu em seu palco grandes nomes da música, como Caetano Veloso, Moraes Moreira e Jorge Mautner, os dois últimos sem cobrar cachê (VIDAL, 2006). Tais fatos apresentados ajudaram a fomentar o projeto, contribuindo para que o Circo virasse, naquele verão, um dos locais mais comentados da cidade.

A estadia do Circo Voador no Arpoador era temporária, assim, após quase três meses a lona é retirada do local e no mesmo ano de sua inauguração, no mês de setembro, pousa de forma definitiva nos Arcos da Lapa. Nessa nova localização, a lona passa a atingir um público mais abrangente, não apenas da Zona Sul, mas também da Zona Norte e do Centro. Assim, com o tempo o Circo vai se consolidando como “um espaço de diversas tendências, afirmando-se principalmente como palco do BRock, o assim chamado Rock Nacional” (VIDAL, 2006, p. 72).

O BRock começou a ganhar força com os jovens dos anos 80, que fora do contexto de grande repressão vivido nos anos 70, buscavam uma nova forma de se expressar, sem as “metáforas” e “rebuscamento” característicos da MPB, os artistas dessa geração queriam falar de forma direta e aberta. (VIDAL, 2006) O Circo Voador se torna, então, um espaço que dá voz a esses artistas. O Rock Voador, projeto iniciado por Maria Juçá em 1982, foi um dos principais projetos do Circo Voador a contribuir para a consagração desta nova geração de músicos que surgia no início da década de 1980, pois buscava levar para o palco da lona artistas que ainda não possuíam grande circulação pelas rádios e gravadoras, trazendo visibilidade para eles, como afirma Maria Juçá em seu livro “Circo Voador: A Nave”: “Querida trazer artistas que tinham espaço restrito na circulação de seus trabalhos. (...) Estava faminta por mostrar tudo o que as rádios não tocavam, a televisão não mostrava e a imprensa não falava”. (JUÇÁ, 2014, p.64) Grupos que hoje são considerados grandes nomes do rock nacional, como Kid Abelha, Blitz, Paralamas do Sucesso,

⁵ Diretor, autor, ator, compositor e diretor musical brasileiro.

Barão Vermelho e outros, iniciaram suas carreiras fazendo shows no palco da lona e a partir daí alavancaram suas carreiras.

O projeto deu tão certo que, já em 1983, diversos veículos de comunicação, como o Jornal do Brasil e O Globo, começaram a dar espaço para as bandas que passavam por lá, como exemplo é possível citar o jornalista Jamari França, que segundo Maria Juçá (2014, p. 103), “frequentava o Rock Voador todos os sábados e criou duas colunas semanais no JB, ‘Rock Clips’ e ‘Danceterias’, para falar do que rolava no Circo e em outros espaços.” Essas bandas também passaram a ganhar algum destaque na televisão, como no programa Realce, veiculado pela TV Record Rio, e no Programa do Chacrinha, em que eram convidadas para participar. Além da grande mídia, também havia um grande apoio das fanzines, que circulavam tanto pelo Circo Voador quanto fora dele, contribuindo para divulgação das bandas que lá se apresentavam. (JUÇÁ, 2014)

A importância do Rock Voador, e conseqüentemente do Circo Voador, foi tanta que com o tempo, junto da rádio Fluminense FM, começou a mudar o mercado fonográfico. Passou a ser comum a presença de diretores artísticos de gravadoras no Circo, em busca de novas bandas. Luiz Antonio de Mello⁶ acompanhou de perto e contou sobre esse acontecimento no livro de Maria Juçá (2014, p. 123-124):

Foi impressionante porque, a certa altura, o mercado fonográfico, a rádio e a televisão começaram a ir ao Circo para ver o que estava acontecendo. Então você via muito empresário, muito produtor importante. (...) Era o reduto onde iam pegar talentos que ouviam na rádio. Uma gravação pode ser muito ensaiada, mas ver ao vivo é diferente.

Compreender a forma que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996) enxerga o mercado das artes pode nos ajudar a entender melhor de que modo o Circo Voador contribuiu para a consagração de artistas. Para o autor as artes dão espaço para uma economia às avessas, é um mercado que possui uma lógica específica. Os campos da produção artística se diferenciam a partir da relação que eles possuem com o mercado e com a demanda (mais próximo ou mais distante), assim a forma de se produzir arte e cultura é

⁶ Produtor musical, jornalista, radialista e escritor brasileiro

dividida em dois limites, que, na realidade, nunca são atingidos, “a subordinação total e cínica à demanda e a independência absoluta com respeito ao mercado e às suas exigências” (BOURDIEU, 1996, p.162). Na primeira forma o ciclo de produção é curto, pois está mais ligado a uma lógica econômica, buscando, através de uma adequação à demanda e de sucessos imediatos, obter lucro de forma rápida, a outra forma de produção possui um ciclo de produção longo, pois seu objetivo é o acúmulo de capital simbólico (conseguir prestígio, honra, se tornar conhecido e reconhecido) que, a longo prazo, pode se converter em capital econômico, esta forma de produção se afasta de uma demanda preexistente e se baseia “na aceitação do risco inerente aos investimentos culturais e sobretudo na submissão às leis específicas do comércio da arte” (BOURDIEU, 1996, p.163).

Assim, a partir da visão de Pierre Bourdieu (1996) sobre o mercado das artes, é possível perceber que o BRock traçou o seu caminho através de um ciclo longo de produção, aquele que “depende (pelo menos em seus começos) da ação de alguns 'descobridores'” (BOURDIEU, 1996, p. 168), neste caso um de seus principais descobridores foi o Circo Voador, ajudando a dar visibilidade para os artistas do BRock, permitindo que fossem vistos por grandes figuras do meio musical e da mídia. Dessa forma, o Circo se tornou uma espécie de vitrine para esses músicos e bandas, contribuindo para a sua consagração.

Além de ser palco para o rock nacional na década de 1980, o Circo Voador também oferecia outras atividades culturais e socioeconômicas bem diversas, podendo ser considerado “um espaço múltiplo, um espaço de lazer, cultura e construção da cidadania”.(VIDAL, 2006, p. 92) Como alguns exemplos é possível mencionar a gafeira, Domingueira Voadora, que acontecia todos os domingos a noite, o projeto Domingo de Corpo, que acontecia nas tarde de domingo e oferecia oficinas de dança, teatro e capoeira e a Creche Apareche, que recebia crianças de 4 a 8 anos da região do centro por preço popular.

Apesar de sua perceptível importância para o cenário cultural brasileiro, isso não impediu que o Circo Voador fosse fechado novamente em novembro de 1996. Isso ocorreu devido a uma confusão gerada quando o prefeito eleito naquele ano,

Luis Paulo Conde, resolveu comemorar a sua vitória no local, e foi expulso pelo público punk que estava presente na lona para participar do festival punk, Blood Fest, com a presença da banda Ratos do Porão, que acontecia no mesmo dia. O prefeito na época, César Maia, resolveu então encerrar as atividades do Circo, alegando reclamações dos moradores vizinhos por causa do barulho. (VIDAL, 2006).

1.2 - Movimentações para a reabertura do Circo Voador

Maria Juçá, então diretora do Circo Voador, tentou de todas as formas chamar a atenção de Luis Paulo Conde para pedir a reabertura da lona, inclusive realizando a campanha SOS Circo Voador, levando shows de vários artistas para diferentes cidades do estado do Rio de Janeiro, mas o prefeito estava intransigente. Dessa forma, em 1997, Juçá resolve agir por meios legais e abre um processo na justiça para revogar a decisão de fechamento do Circo Voador, para ajudar nesse processo conseguiu recolher 15 mil assinaturas de artistas, professores, estudantes e moradores da lapa, em um abaixo assinado que pedia pela volta do Circo. Em 2000, o juiz Carlos Eduardo da Rosa Fonseca Passos determina que o alvará de funcionamento da lona seja devolvido e reconhece o Circo Voador como patrimônio cultural do Rio de Janeiro, reconhecendo a importância desse local para a cultura carioca, porém a prefeitura do Rio recorre a essa sentença. Assim, o candidato a prefeito Cesar Maia, o mesmo responsável pelo fechamento do espaço anos antes, que estava perdendo as eleições, promete reabrir o Circo caso seja eleito, ganhando o apoio de Alfredo Sirkis, do PV, e de diversas pessoas da classe artística, mobilizadas por Maria Juçá.

Cesar Maia vence as eleições e assim, com Sirkis como Secretário de Urbanismo, o projeto de reconstrução e reabertura do Circo Voador começa a acontecer. Foi aberto um concurso público, com a ajuda do Instituto Pereira Passos e do Instituto dos Arquitetos do Brasil, para a escolha do projeto arquitetônico do novo Circo. O projeto escolhido foi de quatro jovens arquitetos que frequentavam a lona, era um projeto dinâmico e criativo, bem diferente dos outros projetos, que eram mais convencionais (JUÇÁ, 2014).

Assim que o alvará de funcionamento do Circo Voador é devolvido, Maria Juçá começa a se mover novamente, dessa vez para promover encontros com a

juventude buscando entender o que ela esperava para o novo Circo. A partir disso, se inicia o projeto Ocupação Cultural do Canteiro de Obras do Circo Voador. A ideia era ocupar o terreno onde antigamente funcionava o Circo Voador, que agora estava repleto de materiais de obra e entulhos do antigo Circo demolido, até que se desse início à construção da nova lona.

O objetivo dessa ocupação era não só voltar a ocupar o antigo local da lona na Lapa, para pressionar a prefeitura a reabrir logo o Circo e não perdê-lo para os flanelinhas ou Fundação Progresso, que também disputavam por esse espaço, mas também aproximar a nova geração do Circo Voador, não apenas como espectadores, mas também como fazedores da produção cultural e artística do Circo. Dessa forma, Juçá conseguia entender o que a juventude pensava e pretendia para o Circo. Lucas Louzada, um dos novos produtores que fazia parte da ocupação, conta em entrevista para o livro “ Circo Voador: A Nave” de Maria Juçá (2014, p. 498 - 500) como a juventude pensava a volta do Circo Voador:

Filhos da geração que lutou contra a ditadura, nossas referências de luta, resistência e invenção estavam nesse passado. E o Circo, fechado há alguns anos, fazia parte desse imaginário. (...) Já estávamos discutindo muito a volta do Circo Voador e viajando no potencial revolucionário daquele espaço histórico. Parecia que a volta iria possibilitar uma revolução cultural na cidade. Pra nós, que não vivemos o Circo antes do fechamento, as palavras revolução, sexo, drogas e rock n' roll pipocavam nas cabeças ansiosas.

O projeto da ocupação, que durou aproximadamente seis meses, com uma programação que abraçava diversas formas de expressões artísticas como shows, exposições, teatro e poesia, teve seu fim em 2003, com o início da construção do novo Circo no local.

1.3 - Reabertura e Circo Voador nos dias atuais

A reabertura do Circo Voador aconteceu no dia 22 de julho de 2004, com a nova geração de produtores da lona a postos, e contou com uma grande jam session com diversos artistas que se consolidaram em seu palco e que contribuíram

de alguma maneira para a sua volta, como, por exemplo, Evandro Mesquita⁷, Lobão⁸, Guto Goffi⁹ e muitos outros. (JUÇA, 2014). O primeiro evento no novo Circo foi um sucesso e, apesar da chuva torrencial que ocorria no dia, o local ficou lotado.

Apesar dos diversos tributos feitos a artistas já consagrados neste início do novo Circo, o espaço não ficou preso ao passado e buscou, como fez desde o seu início em 1982, trazer para os palcos, músicos da nova geração, além de discussões relevantes à época, algo que fazem até hoje. Assim, criaram eventos como o festival Favela Fest, que surgiu a partir de um mapeamento da produção cultural nas favelas do Rio de Janeiro e contou com shows de diversos artistas importantes no movimento hip hop e no funk e de coletivos artísticos e culturais, entre eles estão o grupo “Mr. Catra e os Apostolos”, as organizações “Afro Reggae” e “Nós do Morro” (participantes da edição de 2004), os cantores Luiz Melodia e Elza Soares (participantes da edição de 2007).

Zeca Fernandes, que entrou para a produção da lona pouco depois de sua reabertura, conta sobre a preocupação de Maria Juçá em trazer novos artistas para o palco do local: “Na primeira reunião de pauta a Juçá me falou: ‘Temos que programar pelo menos dois shows grandes por mês além dos doze que programamos, para manter o equilíbrio financeiro do Circo e garantir investimento em novas bandas.’” (JUÇA, 2014, p.546). Assim, é possível notar que mesmo após os anos em que passou fechado a lona não perdeu de vista a preocupação em abraçar novos artistas e novas ideias, não se apegando a apenas um tipo de manifestação artística ou a um estilo musical, mas buscando englobar a diversidade que a cultura brasileira possui.

Na década de de 2010, além de ser palco para bandas brasileiras, o Circo passa a trazer para a lona também diversos artistas internacionais, como afirma Juçá em seu livro: “Aproveitando esse mundo conectado, nossa infraestrutura e a renovação dos empresários que trabalham no circuito, o Circo finalmente entra na rota das bandas indie internacionais e nossa grade fica poliglota”. (JUÇA, 2014, p.629).

⁷ Cantor, compositor e ator brasileiro, conhecido como vocalista da banda brasileira de rock Blitz.

⁸ Cantor, compositor, músico e escritor. Grande nome do rock nacional.

⁹ Bateria brasileiro da banda Barão Vermelho desde 1981.

Rolinha, produtor do Circo na época, conta para Maria Juçá em seu livro *Circo Voador: A Nave* (2014) que o Rio de Janeiro não estava na rota dos artistas gringos alternativos, que quando vinham ao Brasil, passavam apenas por São Paulo. O objetivo da equipe da Iona era mudar esse cenário. Isso aconteceu através de uma parceria do Circo Voador com um grupo de produtores, para tentar trazer, através de um crowdfunding, a banda sueca Miike Snow para o Rio de Janeiro. A ação foi um sucesso e a partir dela foi fundada a empresa Queremos que “entrou com tudo nessa história de shows com financiamento coletivo pelos fãs - crowdfunding - e o Circo Voador foi seu laboratório”. (JUÇÁ, 2014, p. 645) Juntos, o Circo e o Queremos trouxeram para o palco carioca artistas como Liam Gallagher, Mayer Hawthorne, Two Door Cinema Club e Kings Of Convenience.

Em entrevista para o Canal Curta! Gaby Morenah e Lencinho, produtores do Circo Voador, falam um pouco sobre a história da Iona e de como ela segue nos dias atuais

ao longo desses 40 anos foram muitas lutas, a gente abraçou o movimento punk, atualmente a gente tem estado muito presente na luta contra a LGBT-fobia e eu acho que essa essência de combate e de união, de um espaço de tá todo mundo junto, gritando por algo junto que todo mundo acredita, eu acho que é o que permanece. (MORENAH, Gaby, 2022, entrevista concedida ao Canal Curta!)

O Circo é um espaço que desde que ele surgiu, ele surgiu antenado com o novo, mas ele sempre foi um espaço dedicado ao novo, que nunca deixou de reverenciar o antigo. Por isso que você vê (...) no mesmo ano que você tem o show da Lamparina e da Raquel Reis, você tem Geraldo Azevedo e você tem Paulinho da Viola. (LENCINHO, 2022, entrevista concedida ao Canal Curta!)

A partir das falas acima, percebe-se que, em seus 41 anos de existência, o Circo Voador manteve sua essência, como um lugar que, além de valorizar a música e novos artistas, está sempre engajado com a comunidade ao seu redor e disposto a abrir espaço para a troca e o diálogo. É um espaço aberto às novidades, seja na música ou na sociedade em geral.



1. Circo Voador no Arpoador no verão de 1982



2. Circo Voador na Lapa na década de 1980



3. Circo Voador na Lapa atualmente

2- Impacto cultural e social do Circo Voador na cidade do Rio de Janeiro

Este capítulo tem como objetivo analisar e destacar os impactos e movimentações causadas pelo Circo Voador na cultura e na sociedade carioca, durante os 41 anos em que a lona vem atuando na cidade. Como base para essa análise foram feitas pesquisas, nas edições do jornal O Globo, por reportagens que falassem sobre o Circo Voador, desde o ano de 1982, quando o Circo surgiu, até os dias atuais. Essa fonte foi a escolhida para a realização do estudo devido a relevância do jornal O Globo para o jornalismo, sua vasta cobertura da área cultural e seu acervo organizado e de fácil acesso. A partir do estudo dessas notícias, três categorias podem ser criadas, para nos ajudar a entender como o Circo impactou e ainda impacta a sociedade carioca, são elas: O sucesso e a importância do Circo Voador; Papel do Circo Voador na revitalização da Lapa; Relação do Circo Voador com a comunidade. Essas categorias foram criadas a partir dos temas mais abordados pelo jornal quando se falava nesse espaço cultural

2.1- O sucesso e a importância cultural do Circo.

O Circo Voador foi inaugurado no dia 10 de janeiro de 1982, com um desfile de carnaval que teve início na Praça Nossa Senhora da Paz, em Ipanema, e foi até o Arpoador, onde a lona foi montada. Em seu início, o projeto, que duraria apenas dois meses, já foi bem visto pela crítica, que fez comentários elogiosos à lona. Na reportagem “Circo alça vô”, o conceituado jornalista Nelson Motta¹⁰ escreve que “o circo, (...), é lindo e tenho certeza que será um must neste promissor verão, daqueles lugares onde vale sempre a pena pintar porque estará acontecendo alguma coisa interessante”.(MOTTA, Nelson, 1982)

Três dias depois, Nelson Motta volta a elogiar o Circo, em sua coluna, dessa vez falando também sobre a sua importância como escola de artes, com cursos de diversas linguagens artísticas:

¹⁰ Jornalista, compositor, escritor, roteirista, produtor musical, teatrólogo e letrista brasileiro. É autor de mais de trezentas músicas com diversos parceiros, como Lulu Santos, Rita Lee, Ed Motta, Cidade Negra, Guilherme Arantes, Dori Caymmi, Erasmo Carlos e Jota Quest.

é talvez a mais bela escola (ou melhor, não-escola) a aparecer nesta cidade bela em muitos anos. São cursos de acrobacia, teatro, dança, circo, malabarismo, shows de música, grupos novos de teatro, forró, tanta coisa mais que a cada dia e a cada noite vão surgindo sob a generosa e azulada lona. Este circo é, desde já, a mais importante conquista do gênero no nosso pedaço. Sem currículos, sem métodos cristalizados, sem disciplinas repressivas - em favor da arte, da criação e da invenção. (MOTTA, Nelson, 1982)

Na mesma reportagem, o jornalista segue dizendo que a lona não deveria fechar:

Não há nada que possa impedir o circo de continuar voando ali, naquele lugar - só a má vontade (...). Alô, alô Secretaria de Educação, de Cultura, de Artes, de Lazer, do que quer que seja, alô Prefeitura Municipal, alô Governo do Estado, o Circo Voador já é um patrimônio, leve e poderoso, do jovem povo da cidade. Em nome desses, em nome de todos os artistas do palco e da plateia que ali são felizes e criativos - estamos em campanha: Circo Voador Forever! (MOTTA, Nelson, 1982)

Apesar do apelo, o Circo foi retirado do Arpoador no fim do mês de março de 82, como mostra a reportagem “Artes, jogos, discursos: a despedida do Circo Voador” de abril de 1982. A reportagem destaca que a lona deixou um saldo positivo, “não apenas o fato de ter sido o principal ponto de vida inteligente no pálido verão carioca, mas principalmente sua capacidade de catalisador de idéias, misturador de trabalhos, forjador de criação”. (A.M.B, 1982)

Após alguns meses fechado, o Circo Voador reabriu, no dia 23 de outubro. “Finalmente o Circo Voador decolou: a partir de amanhã começa a funcionar junto aos Arcos da Lapa (...), uma ‘verdadeira usina de idéias, cultura e lazer’”. (O GLOBO, 1982) A matéria “Circo Voador: Agora à sombra dos Arcos da Lapa, uma ‘usina cultural’”, fala sobre a reabertura. Nela, Perfeito Fortuna conta quais são as expectativas e mudanças para a nova fase da lona: “Não queríamos ser vistos exclusivamente como um circo, mas como um núcleo de animação cultural”.

Não sabemos se o público do Arpoador virá, se as pessoas que trabalham no Centro virão, ou com que disposição virão. Queremos descobrir

exatamente essa relação, a relação que as pessoas têm com o trabalho, com o Centro da cidade, essa distinção absoluta que fazem entre trabalhar e se divertir, como se as duas coisas fossem opostas. Estamos interessados nas diferenças. (O GLOBO, 1982)

Ao chegar na Lapa o Circo seguiu sendo bastante mencionado no jornal “O Globo”, seja através de “tjolinhos”¹¹ divulgando os shows do final de semana, muitas vezes de bandas novas, ou cursos e oficinas a serem ministradas dentro da lona, seja em reportagens falando sobre o sucesso do Circo e destacando sua relevância cultural.

Em uma reportagem publicada após seis meses do pouso do Circo na Lapa, a jornalista e crítica musical Ana Maria Bahiana¹² conta que ele cresceu e que é um espaço conhecido por todo carioca:

O carioca, aliás, não apenas sabe do Circo, como o usa, o vive - e se orgulha dele. (...) o Circo voou para a Lapa há seis meses, e cresceu. Não seria justo dizer que ele é um espaço aberto para as manifestações culturais da cidade - isso seria reduzir seu espectro de ação, sua beleza. Ele é, na verdade, o mais informal, amplo e democrático centro de convívio do Rio. (BAHIANA, Ana Maria, 1983)

Um ponto muito citado em diversas reportagens é sobre a ecleticidade do Circo Voador. Em vários momentos ele é retratado como um espaço que abraça e mistura, muitas vezes, em uma mesma noite, diversos gêneros musicais e linguagens artísticas, reunindo, conseqüentemente, pessoas de diferentes gostos e estilos e regiões da cidade do Rio de Janeiro. Em outra reportagem do Circo, dessa vez sobre a primeira noite punk no Circo Voador, a jornalista Ana Maria Bahiana escreve:

Nunca tantas diferenças estiveram juntas. Nunca se dançou tanto. Lotado, o Circo provou, mais uma vez, que é um dos mais importantes espaços de convívio e animação cultural da cidade. Lado a lado, das 21 horas às 5

¹¹ Termo utilizado para se referir a uma reportagem curta ou nota informativa.

¹² Jornalista e escritora brasileira. Especializada em jornalismo cultural, atua na área há mais de três décadas. Já trabalhou em diferentes mídias - jornal, TV, revista, rádio e internet - escrevendo principalmente sobre música e cinema

horas da manhã, conviveram, dançaram, cantaram, namoraram, (...) quase todos os espécimes da população jovem desta cidade. (...) Assustados, de início (...) todos, afinal, se deixaram levar pela violenta catarse provocada pelo som adrenalínico que jorrava do palco. (BAHIANA, Ana Maria, 1983)

Na década de 90 o Circo continuou sendo falado na mídia, recebendo, inclusive, em 1992, uma reportagem que fala sobre a comemoração de 10 anos do local. Nela, Roberto Frejat, na época vocalista e guitarrista da banda Barão Vermelho, reforça o que já se dizia sobre a importância e diversidade da lona: “ O Circo é o espaço mais democrático do Rio. Nenhum palco é tão eclético. Lá,tocam tanto bandas consagradas como iniciantes”. (FERREIRA, Mauro, 1992)

Apesar dos elogios, algumas matérias destacam também as dificuldades que o Circo Voador começou a enfrentar a partir dos anos 90, quando diversas reclamações de barulho, por parte dos moradores da região, começaram a ser feitas. O jornalista Antônio Carlos Miguel, em reportagem, de 1995, sobre o interesse de um banco em investir na construção de proteção acústica na lona, escreve que

Na verdade, o Circo Voador vinha agonizando desde o início da década de 90. Mas o golpe fatal foi mesmo a decisão da Prefeitura, atendendo o pedido de moradores da área, de impedir a realização de shows depois das 22h enquanto não fosse providenciada uma proteção acústica adequada. (MIGUEL, Antônio Carlos, 1995)

Mesmo após o seu fechamento, em 1996, pelo então prefeito César Maia, depois da confusão entre o prefeito recém-eleito, Luiz Paulo Conde, e o público punk da lona, o Circo continuou sendo lembrado e exaltado pela mídia. Em 2002, o jornalista Carlos Albuquerque, publicou no “O Globo”, uma coluna dizendo que o Circo Voador foi um circo diferente que

Não teve trapézio, mulher barbuda, homem de perna-de-pau, algodão doce e leão banguela. Mas teve animadores, palhaços, equilibristas (gente capaz de pular a cerca para entrar de graça ou assistir a um show pendurado na arquibancada) e, claro, teve bandas, muitas bandas para animar a festa. O Circo Voador foi assim: um espetáculo à parte na história recente do Rio, um show que não poderia jamais parar mas que,infelizmente, foi interrompido. (ALBUQUERQUE, Carlos, 2002)

O autor segue dizendo que:

O desbunde dos anos 60 e a suave onda dos 70 se misturaram com o levante punk, as mil cores da new wave, a anistia e, ôba, a volta da democracia. Assim, aquela lona (...) acabou por servir de tampa de um liquidificador que bateu tudo isso. (ALBUQUERQUE, Carlos, 2002)

Em reportagem sobre a reabertura do Circo em julho de 2004, é dito que a cara do Circo é outra, mas que o espírito continua o mesmo (AMORIM, Inês, 2004). O coordenador de programação da lona, Rolinha, explica na reportagem que espírito é esse: “Quem faz a cara do Circo é quem vai lá. Dependendo do público vamos fazendo a programação. Ele vai voltar a ser onde as experiências se encontram. Vamos continuar apostando na diversidade, só que com conceito”. (ROLINHA, Alexandre, 2004, entrevista concedida a Inês Amorim)

Nos últimos anos, a lona continua sendo bem falada e aclamada pela mídia, como é o caso da matéria “Uma casa de shows como nenhuma outra”, de 2018, que diz que “Não há casa de shows no Rio de Janeiro com o clima igual ao do Circo Voador. Uma história que começou com tardes memoráveis no Arpoador e chegou à Lapa, sempre com a mesma atmosfera”. (O GLOBO, 2018)

O fato do Circo Voador aparecer na mídia, desde que surgiu no Arpoador, até os dias de hoje, na Lapa, sendo retratado como um sucesso e um espaço importante para a cultura, em que diversos grupos convivem e se misturam, contribuiu para que ele fosse e continue sendo legitimado dessa forma. Pierre Bourdieu, ao falar sobre o mercado das artes, ressalta que a acumulação de capital simbólico “consiste em fazer um nome, um nome conhecido e reconhecido, capital de consagração que implica um poder de consagrar objetos (é o efeito de *griffe* ou de assinatura) ou pessoas (pela publicação, a exposição etc.)” (BOURDIEU, 1996, p.170). As reportagens, principalmente de grandes jornalistas e críticos, como é o caso de Nelson Motta e Ana Maria Bahiana, que já possuem extenso capital de consagração, e assim, também o poder de consagrar, fazem com que o Circo acumule capital simbólico, se consagrando como um espaço relevante na cultura carioca e com capacidade para consagrar artistas que por lá passam.

2.2 - Papel do Circo Voador na revitalização da Lapa

Para falar sobre o papel que o Circo Voador teve na revitalização do bairro da Lapa podemos usar os conceitos de paisagem e espaço de Milton Santos (2006). Para o geógrafo a paisagem está relacionada com as formas e objetos concretos de um local, enquanto o espaço são as relações que a sociedade estabelece com essa paisagem, como as pessoas interagem e se apropriam dela.

Desde que chegou na Lapa, em outubro de 1982, o Circo Voador começou a causar mudanças na região, modificando não apenas a paisagem do local, mas também o seu espaço, tornando-a mais movimentada e ativa e modificando a relação da população com o local. Em reportagem do "O Globo", de novembro do mesmo ano, ao falar das tendências do verão, é dito que o Baixo Lapa e o Baixo Cinelândia se tornaram "modernos de repente, por força do vizinho Circo Voador, em seu novo endereço". (O GLOBO, 1982)

Além dessa, outras diversas reportagens apontam as mudanças que a lona causou após chegar ao bairro: "Além da influência benéfica para o cenário musical do Rio, o Circo é o principal responsável pela renascença cultural da Lapa, desde que pousou ao lado dos Arcos, em outubro de 1982". (MIGUEL, Antônio Carlos, 1995)

Tido, tradicionalmente, como antro da malandragem e marginalidade carioca, a Lapa, desde outubro passado, se transformou, no entanto, numa pacata área de lazer (...). À volta do Circo (...), existe o que um anúncio de creme dental chamaria de 'escudo invisível', e o ambiente 'família' da praça próxima aos Arcos vem sendo mantido sem interferências indesejáveis. Fenômeno que se repete a cada fim de semana, o novo visual da Lapa voadora, no último sábado à noite, parecia adquirir brilho especial. Onde, há cerca de um ano, observava-se um abandono que provocava cobranças das autoridades, através dos jornais, um chão agora coberto de mudas de árvores e até de uma pequena horta estava povoado por figuras até poucos meses atrás desconhecidas nas vizinhanças. (BIONDO, Sonia, 1983)

O próprio Perfeito Fortuna conta, em matéria para o jornal, sobre a Lapa antes e depois da chegada do Circo: "Sem o Circo, a Lapa continuaria mergulhada na decadência e no abandono (...) Depois que chegamos aqui, a noite na Lapa voltou a ser uma atração como antigamente". (FORTUNA, Perfeito, 1987, entrevista concedida a Raquel Cerkes)

Em 2004, ano da abertura do novo Circo Voador, reportagens seguem falando sobre o importante papel da lona no bairro quando lá se instalou, na década de 80, e dizem também que a sua reabertura fará parte de mais uma revitalização da Lapa.

surgiram o Circo Voador e a Asa Branca, que se transformaram em centros culturais numa região até então marginalizada. Agora, depois de um período de estagnação, a Lapa volta a despontar na noite carioca. (MENDONÇA, Alba Valéria, 2004)

No dia 22, quando for reaberto para convidados com a festa 'Agite antes de usar', o Circo Voador - primeira casa de eventos a descobrir o bairro - dará um novo impulso à vida cultural da Lapa, com sua programação eclética, que vai da música orquestrada ao rock. (MENDONÇA, Alba Valéria, 2004)

Entra década, sai década, a Lapa se reinventa. Decadente num dia, renasce no outro. A volta do Circo Voador, hoje (com show da banda metaleira Krisium), depois de oito anos fora de cena, marca mais uma revitalização. (LESSA, Jefferson, 2004)

Segundo Milton Santos “o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente”. (SANTOS, 2006, p.67) e

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas - tornadas assim formas-conteúdo - podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço. (SANTOS, 2006, p. 69)

Nesse sentido, Santos acrescenta que

A dialética se dá entre ações novas e uma 'velha' situação, um presente inconcluso querendo realizar-se sobre um presente perfeito. A paisagem é apenas uma parte da situação. A situação como um todo é definida pela sociedade atual, enquanto sociedade e como espaço (SANTOS, 2006, p. 71)

Assim, o Circo se encontra na Lapa, sempre causando mudança no espaço, porém a sociedade também ocupa um papel importante nessas transformações

contínuas, uma vez que o próprio espaço da lona é modificado a partir das vontades da população local (oferecendo, por exemplo, atividades e se engajando em causas que são interessantes para os moradores da região, como será mostrado no próximo tópico) e da forma como os frequentadores em geral do Circo se apropriam do local, muitas vezes, como consequências da mistura de diversos grupos proposta pela própria lona.

2.3- Relação do Circo Voador com a comunidade

A relação do Circo com os moradores ao seu redor sempre foi ambígua, alternando entre harmonia e reclamações de barulho. Em matéria que fala sobre a saída do Circo do Arpoador e sua ida para a Lapa, o jornal “O Globo” diz que a lona deixou um saldo de “diversos novos grupos de teatro, música e dança, um mal-entendido com a vizinhança do bairro - que reclamaram do barulho e da agitação”. (O GLOBO, 1982)

Na Lapa, o Circo Voador manteve, a princípio, uma boa relação com os moradores da região, realizando atividades voltadas para esse público e trabalhos em conjunto com associações de moradores. Com apenas alguns meses de pouso no novo local, em dezembro de 1982, a comunidade da Lapa já estava organizando uma ceia de natal na lona, como mostra a reportagem “Moradores da Lapa formam ‘grande família’ e ceiam no Circo Voador”. (O GLOBO, 1982). Alguns meses depois, já em 1983, Perfeito Fortuna diz em entrevista para “O Globo” que “O bonito nessa descoberta do novo público do Circo é que ele se revelou em harmonia com a comunidade, como algo positivo de que ela necessitava” (FORTUNA, Perfeito. 1983, entrevista concedida a O Globo). A matéria segue dizendo que

A contribuição voadora à vida comunitária da Lapa continua. Desde segunda-feira passada, o Circo inaugurou em suas ‘dependências’ a Creche Apareche Fica Bonzão que (...) recebe crianças de quatro a oito anos, no período de 8 às 12 horas. (O GLOBO, 1983)

Entrevistado pelo jornal, o coordenador do projeto da creche, Bebeto Baía, fala mais sobre a iniciativa, sua importância e seu trabalho em conjunto com a associação de moradores:

Há sim a idéia de oferecer o espaço do Circo Voador para que as mães deixem seus filhos e possam realizar suas atividades, tranquilamente, enquanto nós tomamos conta das crianças. E não só tomamos conta como, durante este período que a criança permanece conosco, estarão sendo desenvolvidas atividades que permitem o seu desenvolvimento. (BAÍA, Beбето, 1983, entrevista concedida a O Globo)

Apesar de o Circo Voador estar à frente da Creche Apareche, todas as associações de moradores das proximidades têm também participação no projeto. Na verdade, a questão da creche já era um antigo plano das associações, que agora assumem a idéia através da iniciativa do Circo Voador. (O GLOBO, 1983)

Ainda em 1983, outra reportagem fala sobre a relação da comunidade de moradores do Morro dos Prazeres com o Circo, que está auxiliando na ampliação do Centro Comunitário do local. Segundo José Carlos Fernandes, arquiteto que participa da integração do Circo com comunidades carentes, “o Circo Voador atua como uma ligação entre os moradores e os órgãos estaduais e municipais, além de dar também orientação técnica às obras”. (FERNANDES, José Carlos, 1983, entrevista concedida a O Globo)

Outra vitória conquistada através da parceria entre a lona e a comunidade do Morro dos Prazeres foi a instalação de rede de esgoto no local. A matéria “Morro dos Prazeres voa alto. Com ajuda do Circo” conta sobre essa conquista:

Há um ano, o presidente da Sociedade de Amigos do Morro dos Prazeres (...) José Bernardo da Silva, procurou o pessoal do Circo Voador na tentativa de encontrar apoio para resolver o problema da falta de pagamento das contas de luz no morro. O despretensioso encontro rendeu muito mais frutos. Hoje, depois de um ano de trabalho em conjunto, o presidente da entidade e os dois coordenadores do Circo no projeto desenvolvido na favela, anunciam, para meados de abril, uma conquista sonhada por milhares de favelados: a construção de uma rede de esgotos e de água encanada nos morros dos Prazeres e Escondidinho através de um convênio a ser assinado brevemente com a Cedae. (O GLOBO, 1984)

Em outra reportagem, agora de novembro de 1985, o “O Globo” diz que “Em três anos, o Circo, que começou como local alternativo para espetáculos, criou longos braços e já atua em outras cidades, na educação e na vida comunitária”. (SILVA, Beatriz Coelho, 1985). A matéria segue falando sobre as diversas atividades educativas e em conjunto a comunidade que o Circo realiza: Creche Apareche,

Meninos de Rua, “para menores carentes ou abandonados que circulam pela região”. (SILVA, Beatriz Coelho, 1985), o trabalho no Morro dos Prazeres e

o trabalho que vem sendo feito com pescadores da favela Marcílio Días, na Avenida Brasil. O objetivo é que eles não troquem sua técnica tradicional, que permite a renovação da pesca e lhes garantirá indefinidamente o sustento, por técnicas mais avançadas, mais predadoras. (SILVA, Beatriz Coelho, 1985)

Dessa forma, a lona, além das atividades culturais, se tornou um local que propõe iniciativas que visam pensar e criar melhorias para a população local, funcionando como uma espécie de ONG. Ao falar sobre iniciativas de cidadania o autor George Yúdice, diz que estas se caracterizam por possuir uma estratégia que “consiste em reunir pessoas para que elas possam negociar suas diferenças e encontrar um denominador comum, ou seja, colocar parâmetros para coordenar a mudança social”. (YÚDICE, George, 2013, p. 229), algo que o Circo sempre buscou fazer desde que chegou na Lapa.

A partir da década de 90 a relação do Circo com os moradores a sua volta começou a estremecer e passam a surgir diversas reclamações de barulho como mostra a matéria “Circo Voador vai ter que respeitar Lei do Silêncio” de maio de 1995, que diz que o prefeito Cesar Maia

recebeu um abaixo-assinado com 260 nomes de moradores de quatro edifícios na Rua Riachuelo (...) e da Avenida Mem de Sá 72 reclamando do barulho do Circo Voador, nas noites de quarta-feira a domingo. No ofício ao prefeito, a Ordem do Carmo lembrou que tem um abrigo e um hospital na Rua Riachuelo e pediu uma solução. (O GLOBO, 1995)

Em novembro de 1996 o Circo é fechado por Cesar Maia, após o Luiz Paulo Conde, prefeito recém eleito, ser vaiado pelo público punk que frequentava a lona no dia em que foi comemorar sua vitória. O argumento para a interrupção das atividades na lona foram as diversas reclamações de barulho. Diversos artistas e políticos criticaram a decisão.

É proibido vaiar. Pelo menos durante a transição do prefeito César Maia para o sucessor, Luiz Paulo Conde. César cassou ontem o alvará do Circo Voador, na Lapa, acusando seus freqüentadores de promoverem baderna. A baderna em questão foi a vaia de sábado à noite que Conde levou ao chegar ao Circo durante um show de bandas punk. O primeiro factóide pós-eleitoral arrancou protestos de artistas e até de políticos aliados no segundo turno. (O GLOBO, 1996)

A opinião dos moradores do centro sobre a cassação do alvará do Circo, ficou dividida entre os que concordaram e os que criticaram a atitude do prefeito, como mostra a reportagem do jornal “O Globo”, de 20 de novembro de 1996. “Nas ruas próximas aos Arcos da Lapa, as opiniões sobre o fechamento do circo estavam divididas ontem”. (PEREIRA, Mônica. SCHMIDT, Selma, 1996) Para o morador Antônio Ferreira o Circo “É um inferno. Dizem que é um espaço cultural, mas na verdade é uma baderna, uma falta de respeito”. (FERREIRA, Antônio, 1996, entrevista concedida a Mônica Pereira e Selma Schmidt) O morador Waldir Augusto “disse estar satisfeito com a cassação do alvará e até pensa em mandar um telegrama parabenizando o prefeito”. (PEREIRA, Mônica. SCHMIDT, Selma, 1996). Entre os que foram contra a decisão de César Maia, a moradora Elisabete Germano diz sobre o Circo: “Ele ajuda mães que não tem dinheiro para pagar uma creche e as crianças são muito bem tratadas. Isso tem que ser levado em conta”. (GERMANO, Elisabete, 1996, entrevista concedida a Mônica Pereira e Selma Schmidt) . O estudante Marlon Nicolas também discorda do prefeito ao dizer para o jornal que a lona “É a melhor coisa que temos aqui na Lapa. Não podem acabar com o espaço que as bandas novas têm para se expressar”. (NICOLAS, Marlon, 1996, entrevista concedida a Mônica Pereira e Selma Schmidt)

Depois de seu fechamento diversas ações foram tomadas, tanto pela equipe do Circo quanto pela classe artística em um geral, para lutar pela reabertura da lona. O jornal “O Globo” noticiou várias dessas ações. Uma delas foi a “SOS Circo Voador”.

A idéia é lotar a quadra do Salgueiro, cedida gratuitamente pela escola de samba, com shows que vão acontecer durante dez terças-feiras, sempre às 22h. (...) Artistas consagrados que começaram no Circo Voador ou apenas simpatizantes do espaço se apresentarão sem cobrar cachê. Toda a verba arrecadada com os ingressos será usada na obra (...) que é necessária para regularizar a situação do circo junto à Prefeitura. (O GLOBO, 1997)

Como a reportagem mostra, a escola de samba Salgueiro cedeu o seu espaço de forma gratuita e os artistas fizeram apresentações sem a cobrança de cachê, essas iniciativas mostram a importância da lona para a classe artística e a população.

O jornal, em reportagens que falam sobre os shows do “SOS Circo Voador, colhe depoimento de alguns artistas que falam sobre a importância da volta do Circo. Evandro Mesquita, cantor, compositor, ator e vocalista da banda Blitz, diz que a lona precisa reabrir, pois “é um patrimônio da cidade. E lá dentro há uma creche que precisa voltar a funcionar também.” (MESQUITA, Evandro, 1997, entrevista concedida a O Globo). O cantor Jorge Ben Jor diz que a reabertura do Circo é fundamental e que foi lá que ele retomou o contato com a juventude carioca (JOR, Jorge Ben, 1997, entrevista concedida a O Globo)

Em matéria sobre o lançamento de site do Circo Voador, o jornal lamenta o fechamento do espaço e incentiva os leitores a darem apoio para sua reabertura, visitando o site: “Infelizmente, hoje em dia o corpo do Circo jaz congelado na Lapa, mas sua alma alcançou o espaço virtual. E você também pode contribuir para reforçar o coro em prol de sua reabertura”. (O GLOBO, 1999)

Mesmo com muita luta, o Circo passou oito anos fechado. Em 2000, volta a se falar sobre a abertura da lona, quando César Maia, agora concorrendo a prefeitura da cidade novamente, promete reabrir o Circo, que ele mesmo havia fechado, caso fosse eleito. Assim, em 2001 o projeto para o novo Circo Voador é escolhido a partir de um concurso público. E em 2004 ele é inaugurado.

Em 2007, com o Circo funcionando já a três anos, ele é citado na matéria “Atitudes que dão certo”, dizendo que lá foi inaugurado um novo espaço para atividades de educação e cultura, oferecendo diversos cursos livres. “O espaço vai funcionar normalmente e mais de mil jovens poderão ser atendidos no programa”. (O GLOBO, 2007)

Mais recentemente, em 2019, um “tijolinho” de Ancelmo Gois no “O Globo” fala sobre ação do Circo para pessoas em situação de rua,

Com o lema dos Titãs ‘A gente não quer só comida, que diversão e arte’, hoje, das 18h às 22h, a ação ‘Não Só’ receberá cem pessoas em situação

de rua no Circo Voador. Voluntários como os artistas Rodrigo Candelot, André Ramiro e Ana Markun vão oferecer um programa que inclui teatro, música, banho, corte de cabelo e barba, doação de roupas e refeição. (GOIS, Ancelmo, 2019)

mostrando que até os dias de hoje a lona segue realizando trabalhos com a comunidade.

3- A consagração no palco do Circo Voador

O Circo Voador, além de ser um local muito diverso, com contribuições para a sociedade carioca, como revitalização da Lapa e o trabalho em conjunto com a comunidade em seu entorno como mostrado no capítulo anterior, é muito conhecido por sua importância no cenário da música, abrindo espaço para novos artistas e grupos. A seguir serão analisadas reportagens publicadas desde o ano do surgimento da lona até os dias atuais, no jornal O Globo, para entender como essa característica do Circo foi sendo retratada ao longo das décadas. Também serão apresentadas entrevistas feitas com dois artistas novatos, que já passaram pelo

palco do Circo Voador, para entender a importância que o espaço ocupa na carreira deles nos dias de hoje e com Lencinho, produtor da lona, para compreender se ainda hoje o local segue tendo como um de seus objetivos dar visibilidade para os novos grupos e artistas que estão chegando.

3.1 - Década de 1980

Logo em seus primeiros meses de vida o Circo Voador já começou a ser encarado pela mídia como um local que dava visibilidade para o novo. Nelson Motta fala um pouco sobre essa característica da lona em matéria de fevereiro de 1982, quando escreve que: “Grupos novos de rock, como a Blitz e o Barão Vermelho, no circo se lançaram e começaram seus caminhos sonoros. Vários grupos novos de teatro (...) estão crescendo ali, novos grupos teatrais começam a se formar”. (MOTTA, Nelson, 1982)

Em 1985, em matéria que fala sobre o aniversário de três anos do Circo, a jornalista Beatriz Coelho Silva diz que “a função do Circo é descobrir o novo, o que estava escondido ou aquilo a que ninguém prestava atenção”. (SILVA, Beatriz Coelho, 1985)

Em outra reportagem sobre show da banda Blitz no Morro da Urca, Ana Maria Bahiana diz que os membros da banda “foram vistos no Circo Voador na praia do Arpoador, contratados e colocados no ar com um compacto-teste para o elefê que preparavam”. (BAHIANA, Ana Maria, 1983) Além dessa, várias outras reportagens falam sobre bandas que obtiveram maior visibilidade e cresceram após se apresentarem no Circo: “A primeira geração do rock nacional - Blitz, Barão Vermelho, Lobão e outros - praticamente nasceram ali”. (O GLOBO, 1989)

Em outra matéria de janeiro de 1989, a lona, além de ser retratada como um espaço que deu visibilidade para artistas no início da década de 80, também é mostrada como um local que segue se atualizando e dando visibilidade para os próximos artistas que virão:

Há sete anos o Circo Voador armava sua modesta lona na ponta do Arpoador e dava espaço para manifestações artísticas das mais diversas, incluindo novos grupos de teatro e as sementes do que viria a ser a nova

geração do rock Brasil.(...) A Blitz virou lenda, milhares de outras banda surgiram, e hoje, quando uma nova geração substitui os últimos remanescentes do sonho dos anos 70, o Circo Voador se prepara para produzir um novo ciclo de novidades. (LEÃO, Tom, 1989)

A matéria segue dizendo que para a comemoração dos sete anos da lona, o Circo irá realizar o evento “Comício de Tudo”, que irá acontecer durante todo o verão, “abrindo suas portas para a nova geração de bandas do rock brasileiro, tribos urbanas de todas as tendências, skatistas e artistas variados, que terão lá sua plataforma de lançamento”. (LEÃO, Tom, 1989)

O próprio Perfeito Fortuna, um dos criadores e , na época, responsável pela lona, afirma em entrevista para o jornal “O Globo”, em 1985, que possui o interesse em trazer para o Circo grupos novos e que ainda não tenham tanta visibilidade: “Hoje pensamos em dar realce a coisas que são fortes e não estão tendo valor, e espaço para o novo”. (FORTUNA, Perfeito, 1985, entrevista concedida a Veralu Andrade)



4.Show do Barão Vermelho no Circo Voador década de 1980

3.2 - Década de 1990

Na década de 1990 diversas reportagens reconhecem a importância do Circo Voador na consagração de artistas. Ao publicar sobre um possível fechamento do Circo, que não aconteceu, com a chegada da Fundação Progresso em 1992, o jornal

“O Globo” destaca que “Foi, aliás, no Circo que vários cantores, como Cássia Eller e Ed Motta e grupos, como Legião Urbana, Kid Abelha, Blitz e Barão Vermelho, decolaram para o sucesso”. (O GLOBO, 1991)

Roberto Frejat, que na época ocupava os vocais da banda Barão Vermelho, conta, para o jornal “O Globo, em 1992, uma breve história da relação da banda com a lona.

O Circo participou de todas as etapas do Barão, desde o momento do nosso aparecimento, em 1982, o da nossa consagração, com o lançamento do disco ‘Maior Abandonado’, até o ressurgimento, após a saída de Cazuza. (FREJAT, 1992, entrevista concedida a Mauro Ferreira)

Outra matéria afirma que o Arpoador, no início da década de 80,

desencadeou um movimento que trouxe à tona artistas e grupos musicais responsáveis pelo do rock brasileiro nos anos 80: debaixo da lona do Circo Voador, que surgiu ali, muita gente famosa deu o pontapé inicial em sua carreira e embelezou ainda mais o lugar com notas musicais de primeira. (O GLOBO, 1994)

Em 1996, Manoel Camero, presidente da Associação Brasileira de Produtores de Discos, fala para o “O Globo” que “O Circo se estabeleceu como um palco especial, onde os artistas se apresentam não visando um dinheiro imediato, mas o reconhecimento do público”. (CAMERO, Manoel, 1996, entrevista concedida a O Globo). Dessa forma, ao irem tocar na lona sem visar necessariamente o lucro imediato, esses novos artistas buscam fazer seu nome dentro da música, ou seja, na visão de Bourdieu acumular capital simbólico, capital que vem através do reconhecimento de produtores, críticos e do público e que pode consagrar-los dentro do campo das artes, sendo, no futuro, convertido em capital econômico. (BOURDIEU, 1996)

O Circo seguiu dando visibilidade para novas bandas na década de 90, como mostra o “tijolinho” anunciando o show da banda Dr. Sin: “A nova geração do rock nacional continua encontrando abrigo sob a lona do Circo Voador. A banda paulista Dr. Sin faz show somente hoje (...) no Circo. Na mesma noite, o Circo abre espaço para as bandas Angra e Milagro, também novatos”. (O GLOBO, 1994). Além disso, a

partir de reportagens sobre novas bandas, é possível perceber que o Circo passou a ser um lugar em que diversos artistas desejavam tocar, como é o caso da banda Sociedade Anônima que tem em seus planos “a gravação de uma fita demo e a tentativa de ‘invadir’ o Rio, tocando em casas como o Circo Voador”. (O GLOBO, 1991) e da banda Fúnebre, cujos integrantes “têm um sonho para o futuro próximo: fazer o show de lançamento do LP no Circo Voador”. (O GLOBO, 1991)

3.3 - Década de 2000

O Circo passou quase metade da década de 2000 fechado, reabrindo apenas em 2004. Mesmo assim, a lona não foi esquecida e é mencionada em reportagens, falando sobre sua importância para artistas e grupos musicais, principalmente a partir do ano de sua reabertura. Em reportagem de janeiro de 2004 do “O Globo”, o jornalista Luiz Ernesto Magalhães escreveu sobre a contribuição da lona para as bandas da década de 80.

O Circo Voador começou mudando a paisagem da Zona Sul e logo fez o mesmo com o cenário musical brasileiro. Em 15 de janeiro de 1982, a lona foi inaugurada no Arpoador. Em outubro do mesmo ano, foi levada para a Lapa, onde funcionou até novembro de 1996. Nesse período, serviu de palco para o lançamento de uma série de artistas e grupos, especialmente daqueles que, nos anos 80, foram responsáveis pelo que ficou conhecido como BRock - o rock brasileiro. O Circo abrigou sob sua lona uma série de grupos iniciantes, como a Blitz, o Kid Abelha e os Abóboras Selvagens (que fizeram ali sua primeira apresentação, em novembro de 1982), os Paralamas do Sucesso, o Legião Urbana, o Barão Vermelho, o Capital Inicial e o Ultraje a Rigor. Os Titãs foram outra banda iniciante a se apresentar ali. (MAGALHÃES, Luiz Ernesto, 2004)

Em relação a novos grupos, a jornalista Ana Wambier, escreve em reportagem sobre a reabertura da lona que

o circo não poderia, nessa volta à vida, perder uma de suas principais características: a de servir de plataforma para o lançamento de novos grupos. Representantes da nova geração de músicos estão sendo mapeados. Devem ser convidados a se apresentar bandas que já lançaram CDs independentes e grupos do mundo underground. A mesma profusão de tendências que a casa sempre abrigou. (WAMBIER, Ana, 2003)

Em outra matéria, sobre o festival Rock Me, voltado para bandas novas, João Barone, baterista dos Paralamas do Sucesso, diz ao ser entrevistado: “É muito legal o espaço que o Rock Me está abrindo para as novas bandas independentes. Por toda a sua história, o Circo Voador é o lugar perfeito para este encontro”. (BARONE, João, 2005, entrevista concedida a Bernardo Araújo)

Ao ser entrevistado pelo jornal “O Globo”, John Uilhôa, guitarrista e cantor da banda Pato Fu, ao lembrar de show que fez na lona na década de 90, diz que: “Nosso contrato com a gravadora BMG foi acertado a partir daquele show”. (ULHÔA, John, 2005, entrevista concedida a Bernardo Araújo). A fala do músico ecoa o que diversas reportagens afirmam durante a década de 2000, sobre a lona dar visibilidade para o novo e garantir a profissionalização e entrada de artistas no mercado fonográfico.

Alexandre Rossi, programador do Circo, explica, em entrevista para o jornal “O Globo”, sobre esse empenho do local em apresentar novas bandas e artistas para o público: “Não é questão de se ganhar dinheiro ou não (...) Então, mesmo que exista um risco de prejuízo, a gente faz”.(ROSSI, Alexandre, 2007, entrevista concedida a O Globo) Ele segue dizendo que: “É claro que temos que pensar nas finanças do Circo, mas para isso existem shows como os da Orquestra Imperial, que vivem cheios. As bandas que eu trago, mais alternativas, geralmente não dão lucro”.(ROSSI, Alexandre, 2007, entrevista concedida a O Globo).

Em entrevista para a mesma matéria, Maria Juçá, corrobora com os comentários de Alexandre ao dizer que ‘Vamos ter Chico Buarque com a Mônica Salmaso, depois os Mutantes vêm, já tivemos o Caetano... Assim podemos fazer caixa para trazer bandas novas. Muitos dos artistas que se apresentam aqui não aparecem no rádio ou na televisão, estão começando”. (JUÇÁ, Maria, 2007, entrevista concedida a O Globo).

A fala de Juçá mostra que a lona seguiu sendo, após sua reabertura, um local que busca dar espaço para novos artistas, funcionando assim como uma espécie de descobridor desses grupos, que segundo Bourdieu é “aquele que, colocando-o no mercado dos bens simbólicos, pela exposição, a publicação ou a encenação, assegura ao produto da fabricação artística uma consagração tanto mais importante quanto é ele próprio mais consagrado” (BOURDIEU, 1996, p. 193). Assim, por já

possuir um grande capital de consagração, que foi construído tanto através da opinião da mídia, que em diversos momentos retrata a lona como um espaço cultural importante, quanto pelo próprio trabalho em conjunto com artistas já consagrados e que ele próprio ajudou a consagrar, o Circo Voador tem o poder de dar visibilidade a novos grupos, fato que contribui para continuar legitimando o espaço como um local consagrador de artistas.

3.4 - Década de 2010

Na década de 2010, o Circo Voador continuou sendo muito falado no jornal, com muitas reportagens destacando a sua importância na consagração de artistas nas décadas anteriores e dando visibilidade para os novos que estavam surgindo na época. Em reportagem, do jornal “O Globo”, sobre o festival Grito Rock que aconteceu na lona em 2011 é dito que

Em uma cidade (e em um país) com música demais e palcos de menos, o Circo Voador ainda encontra tempo para música independente, que sempre fez parte do seu DNA. O palco que mostrou aos cariocas os então jovens Pato Fu e Raimundos, entre muitos outros, hoje, (...) receberá músicos celebrados da nova geração, no primeiro dia do festival Grito Rock. (O GLOBO, 2011)

Em outra matéria, que fala sobre a chegada dos 30 anos da lona, a jornalista Mariana Filgueiras, escreve que “A sensação é de que tudo que se passa no palco do Circo Voador entra automaticamente para o repertório da ontologia carioca”. (FILGUEIRAS, Mariana, 2011).

Ao noticiar o lançamento de um livro fotográfico do Arpoador, em reportagem no “O Globo”, é dito que “a área do Arpoador já foi palco para o nascimento de bandas como Barão Vermelho e Blitz, no período em que o Circo Voador passou por lá, nos anos 1980”. (PAINS, Clarissa, 2014)

Em 2015, o Circo Voador volta, temporariamente, para o Arpoador, oferecendo programação gratuita. Para tocar em seu palco foram chamados tanto artistas já consagrados como novatos, como mostra reportagem do jornal “O Globo”, ao falar sobre a programação do espaço: “A noite dá espaço para revelações e novatos, como as bandas Dônica e Suricato. Os veteranos da Blitz, banda que fez história na

lona do Arpoador , fecham com hits que embalaram a geração que fundou o Circo”. (CAMPOS, Mateus, 2015)

Em outra matéria de 2015, que fala sobre o evento Festa no Circo, para comemorar os 33 anos da lona, Lencinho, DJ, agitador cultural e mestre de cerimônia do Circo Voador, fala sobre a preocupação em trazer novidades para o palco do lugar e em ceder espaço tanto para artistas consagrados como novatos.

O Circo tem a cara da juventude e é naturalmente muito plural. Desse jeito, acabamos ganhando novas caras também, pois já estamos chegando na quarta geração do espaço. O interessante também é que, apesar de a festa olhar para a nossa história, ela também procura enxergar o nosso futuro, reunindo artistas já consagrados e outros mais novos. (LENCINHO, 2015, entrevista concedida a Gilberto Porcidonio)

3.5 - Década de 2020

As reportagens ao longo das décadas, destacando o Circo Voador como um espaço que está sempre buscando novos grupos, fizeram com que ele, ainda hoje, continuasse sendo visto como um espaço consagrador de artistas. Na década atual ainda são publicadas reportagens que apontam a importância que a lona teve para diversas bandas, como é o caso da matéria, sobre seus 40 anos, publicada no “O Globo”:

Em janeiro de 1982, uma lona azul e branca foi fincada no Arpoador, uma ponta de Ipanema. Surgiu ali o Circo Voador e, com ele, um levante artístico, cujo legado se espalha até hoje. (...) a lona foi também uma espécie de palco iluminado para bandas iniciantes como Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso e Titãs. (GUIMARÃES, Ana Cláudia, 2021)

Para analisar a função que o Circo Voador exerce, nos dias de hoje, para novas bandas, foram realizadas entrevistas com integrantes de duas bandas que fazem parte da cena dos novatos da música atual, João Soto, da banda Aquino e a Orquestra Invisível, que se apresentou duas vezes na lona (na abertura do show das bandas Daparte e O Grilo e no festival do selo Rockambole) e Carol Mathias, da dupla Troá, que fez um show no palco do Circo (na abertura do show da cantora Letrux), e com Lencinho, produtor do Circo Voador há 20 anos.

Um ponto a se destacar na fala desses artistas é o fato de que ambos tinham como sonho tocar no palco da lona, mostrando como o Circo ainda hoje ocupa um lugar importante no imaginário de novas bandas. João Soto diz que “lá era o nosso maior objetivo de lugar pra tocar, na vida. Foi realmente a realização de um sonho muito antigo”. (SOTO, João. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio). Carol Mathias diz que, além de um sonho realizado, ela “enxergava o Circo como um lugar de virada de chave, como uma coisa que precisava acontecer na minha carreira, porque significaria que as coisas tavam caminhando bem. (MATHIAS, Carol. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Na entrevista Carol também fala sobre o que ela imagina que o Circo Voador representa também para outros artistas:

Eu acho que todo artista que começa a sonhar a música imagina o momento de tocar no Circo Voador. Acho que talvez seja uma coisa do Brasil inteiro, mas do Rio de Janeiro com certeza. (...) Quase um rito de passagem que artistas fazem quando se estabelecem. (MATHIAS, Carol, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Na entrevista, ela segue falando que o Circo “é um lugar que faz com que você tenha uma vontade de merecer aquele palco de alguma forma, não no sentido meritocrático, mas de fazer um trabalho que possa estar naquele palco de uma maneira forte e boa”. (MATHIAS, Carol. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio) Esse “merecer”, mencionado por Carol, pode ser relacionado com o conceito de capital simbólico de Bourdieu (1996), pois apesar de o Circo ser um espaço que agrega um grande capital de consagração aos artistas que passam por lá, para alcançarem o palco da lona, eles precisam já ter passado por outros lugares, já terem construído uma trajetória, que é definida por Bourdieu como “a série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaço sucessivos” (BOURDIEU, 1996, p. 292). Essa trajetória permite que esses artistas já acumulem algum capital. A fala de Lencinho reverbera o comentário acima quando ele diz que é importante “olhar as casas de show menores, as casas de espetáculo, casas de cultura menores que o Circo e saber o que tem dado certo na programação lá e convidar”. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Os dois artistas reconhecem que passar pelo palco do Circo teve um impacto positivo na sua carreira, tanto pelo fato, como afirma Carol, “do artista entender que o trabalho tá ganhando um corpo suficiente pra poder tá naquele palco, quanto de credibilidade também, porque o nome do Circo Voador é uma coisa enorme no Brasil todo” (MATHIAS, Carol. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio). Assim, estar no palco da lona, contribuiu para que a Troá ganhasse uma maior reputação e visibilidade dentro do meio, ou seja, acumular capital simbólico, o que pode ser exemplificado a partir da seguinte fala da Carol

A gente conseguiu, eu acho, ter mais destaque em vários pontos da mídia, por causa disso, de dizer que tocamos lá. E eu acho que isso também fez diferença pra até captar editais, dizer que o trabalho teve corpo pra tá no Circo é uma coisa que faz diferença em todos os momentos. (MATHIAS, Carol. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Em relação à Aquino e a Orquestra Invisível, João Soto percebeu que o maior impacto após o primeiro show da banda carioca na lona, além do alcance de um novo público, foi a entrada da banda no selo musical de São Paulo, Rockambole:

Eu acho que o Circo teve o primeiro ponto de entrada muito grande na nossa carreira, que foi quando a gente abriu o show do selo Rockambole, que era Daparte e O Grilo no Circo Voador. Foi o nosso primeiro contato com o selo que a gente acabou entrando. E nisso, a gente conseguiu muita gente nesse dia, foi um dia muito feliz porque a gente sentiu que as pessoas tavam muito receptivas, muito por causa do ambiente também (...) de ser um lugar que as pessoas se sentem muito parte do processo e também receptivas pra conhecer coisas novas e ouvir novos sons. (SOTO, João. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Carol Mathias fala também sobre o que ela acha que o Circo simboliza:

Ele simboliza muito o lugar onde a cultura é atualizada a cada ano. Eu acho que é muito o lugar do jovem nesse sentido de atualização, de tá sempre vivendo o que tá acontecendo agora, de importância de novos artistas. (MATHIAS, Carol. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Essa visão que ela tem da lona vem a partir de toda a trajetória que o espaço tem construído ao longo de seus 41 anos de existência, sempre buscando se

atualizar e trazer novidades para o público. Lencinho, produtor do Circo Voador, ressalta que o local possui de fato essa preocupação, tanto para manter o Circo vivo, quanto para movimentar a cena independente.

pra gente sobreviver é importante essa renovação. (...) é importante a gente sempre tá buscando olhar as novas cenas, olhar as novas tendências. (...) A gente tem que tá sempre mantendo a coisa girando, por uma questão mesmo, não só de ganhar dinheiro, mas por uma questão dessa cena tá aquecida, o mercado tá vivo, da gente poder ter a chance de apresentar artistas que a gente considera interessantes pra um novo público. (LENCINHO. 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Assim, ao seguir dando visibilidade para novos artistas, contribuindo para a acumulação de capital de consagração dos mesmos, o Circo continua acumulando capital para manter o seu posto de local consagrado, e assim se manter vivo e sempre atualizado dentro do mercado musical.

Ao ser perguntado se considera o Circo um local importante para alavancar a carreira de novos artistas, Lencinho responde que sim e explica como isso acontece e o que mudou dos anos 80 até os dias de hoje

isso acontece quando as pessoas se apresentam lá, não tem muito mistério. (...) o Circo Voador é uma referência. Ali no início tinha muito olheiro de gravadora, de Rede Globo que vivia no Circo Voador e aí com isso você via que essas bandas geralmente apareciam em programas de televisão, em novelas, trilhas sonoras, essas coisas todas. Acho que isso não mudou muito, de repente se hoje em dia você não tem tanta gravadora olhando pra essas bandas porque essa logística de gravadora mudou, de trilha sonora de novela mudou, você ainda tem muito curador de festival, que mesmo quando não está presente no Circo, tá de olho nas nossas redes sociais pra tentar saber o que tá rolando, quais novidades que o Circo tá apostando e levar essas atrações pros seus festivais. Então eu acho que tem alguma coisa, ao longo desses anos, que pode ter mudado algum tipo de formato. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

A fala de Lencinho vai de encontro com que Bourdieu diz quando fala sobre o descobridor de arte:

Ele contribui para fazer o valor do autor que defende apenas pelo fato de o levar à existência conhecida e reconhecida, de assegurar-lhe a publicação (sob sua capa, em sua galeria ou em seu teatro etc.), oferecendo-lhe como garantia todo o capital simbólico que acumulou, e de o fazer entrar, assim,

no ciclo da consagração que o introduz em companhias cada vez mais escolhidas e em lugares cada vez mais raros e requisitados. (BOURDIEU, 1996, p. 193)

Assim, mesmo com as mudanças que ocorreram no mercado da música dentro desses 41 anos de existência do Circo, ele continua agindo como um descobridor de novos grupos, pois, apenas o fato de tocarem em seu palco, contribui para que estes sejam vistos, ganhem novos olhos, maior respeitabilidade dentro do meio e alcancem espaços cada vez maiores dentro desse mercado, seja recebendo convite para festivais, ganhando maior credibilidade em editais, como é caso da banda Troá ou entrando para um selo e alcançando um novo público, como aconteceu com a Aquino e a Orquestra Invisível.

Ainda ao falar sobre o descobridor das artes, Bourdieu questiona como este consegue o poder de consagrar e conclui que “Seu capital simbólico está inscrito na relação com os escritores e artistas que ele defende” (BOURDIEU, 1996, p. 194), ou seja, para construir o seu imaginário como espaço de consagração de artistas, e mantê-lo, o Circo depende tanto de sua relação com os artistas já consagrados, muitos, inclusive, pela própria lona, como dos novos artistas que ainda serão legitimados pelo local. Essa relação com grupos já consagrados é mantida pelo Circo Voador, como mostra a fala de Lencinho: “O Circo ainda recebe os grandes artistas sempre, até por uma relação de carinho e amizade que esses artistas criam com o Circo”. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

A relação com novos grupos e artistas, também é mantida até os dias de hoje, seja pela iniciativa da própria equipe do Circo, que como Lencinho respondeu em entrevista, leva em consideração bandas novas na hora de fazer a curadoria do local, seja pelos próprios artistas que entram em contato com o Circo:

Às vezes a gente procura os artistas, às vezes os artistas nos procuram. (...) Da mesma forma que os festivais ficam ligados no que a gente tá programando, a gente também fica ligado no que as pessoas tão programando, frequenta sites de música, ouve jornalistas que tão indicando alguém (...) Há dez anos atrás a gente recebia muita carta no Circo, com envelope, release da banda e tal, hoje em dia acaba que a gente utiliza muito as redes sociais, as bandas entram em contato com a gente pelas próprias redes sociais. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Dessa forma, o Circo continua sempre se atualizando e atuando como um espaço que dá visibilidade para o novo, fato que impede o seu envelhecimento, que para Bourdieu ocorre quando os empreendimentos ou autores “se encerram em esquemas de percepção ou de apreciação que, convertidos em normas transcendentais e eternas, impedem de aceitar ou mesmo de perceber a novidade”. (BOURDIEU, 1996, p. 180). Para o autor quando algo marca época, ou seja, faz “existir uma nova posição para além das posições estabelecidas, na dianteira dessas posições, na vanguarda, e, introduzindo a diferença.” (BOURDIEU, 1996, p. 181) ele corre o risco de envelhecer. Isso não acontece com o Circo, pois este espaço, por estar sempre aberto a novidades, ouvindo as novas gerações, também está sempre se renovando e, ao invés de parar no tempo, a cada década que passa, ele marca época no cenário musical.

Lencinho diz que no Circo “a gente é um super defensor dos shows de abertura” (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio), e que é sempre importante ter esses shows. Uma forma de manter o destaque de bandas novas dentro do Circo é colocando elas pra abrir shows de bandas que já possuem um destaque maior, como foi o caso da Troá e da Aquino e a Orquestra Invisível, isso porque, como afirma Lencinho “esses eventos assim, de banda muito novas, sem apoio, sempre são um risco”. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio). Mesmo assim, muitas vezes eles buscam realizar

aqueles eventos em que a união faz a força. Você junta três, quatro bandas que tão começando e consegue alavancar um evento. Então a gente tem que também tá sempre olhando ao redor. Vai ter três shows grandes que vão gerar boa bilheteria, então a gente pode fazer um quarto show no risco, mas se a gente tiver só no risco, a gente acaba inviabilizando o nosso negócio. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Esse risco mencionado por Lencinho é uma característica inerente, segundo Bourdieu (1996) dos empreendimentos artísticos com ciclo de produção longo que não tem um mercado no presente, como é o caso das novas bandas, que a princípio não conseguem reunir um grande público. Por isso,

O empresário em matéria de produção de cultural deve reunir uma combinação inteiramente improvável, em todo caso bastante rara, do realismo, que implica concessões mínimas às necessidades 'econômicas' denegadas (e não negadas), e da convicção 'desinteressada', que as exclui. (BOURDIEU, 1996, p. 171)

Ou seja, para continuar trazendo novas bandas para seu palco, o Circo depende, também, da realização de shows com bandas já consagradas, que dão maior retorno financeiro e assim, viabilizam os shows de novos grupos.

Lencinho destaca também, na entrevista, que não é apenas no palco da lona que os novos artistas ganham visibilidade, o Circo Voador usa também suas redes sociais para divulgar novidades do meio da música, inclusive eventos que não acontecem no espaço são divulgados pelas redes do local.

a gente busca usar as redes sociais do Circo pra dar uma força pra galera nova que tá chegando, então acho que as redes sociais do próprio Circo Voador, nesses anos 2020 que a gente tá vivendo, se tornaram também palco de bandas novas. Hoje mesmo a gente postou lá, um vídeo no nosso instagram sobre o festival Novas Frequências (...), que é um festival que não vai acontecer no Circo, ele não é do Circo, ele nunca passou pelo Circo, o Circo nunca foi palco propriamente desse festival, mas o cara tá lá fazendo um festival que vai trazer um monte de artista novo pro Rio de Janeiro, vários desses shows vão ser gratuitos, então não custa nada a gente chegar lá e dar uma força. (...) Porque é uma forma da gente ajudar. Não só ajudar por uma questão de, poxa, são pessoas que a gente quer bem, mas também ajudar pra que mais gente tenha acesso, pra que esse mercado sobreviva, pra que a troca de informação aconteça. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Lencinho mostra que a lona segue, até os dias de hoje, com princípios da década de 80, quando surgiu, buscando movimentar a comunidade, apresentar novidades, fazer circular ideias, estejam elas dentro ou fora do Circo. Em suas palavras:

todas as coisas que eu acho que fazem a natureza do Circo Voador há 41 anos. Se você pega vídeo lá do Circo Voador nos anos 80, você tem um camarada lá anunciando o show que vai começar, mas que na semana seguinte o Evandro Mesquita vai tá fazendo show na boate tal, não sei aonde, ou seja, a gente tenta ser muito mais do que um casa de show, e sim um espaço de circulação de ideias, de circulação de pensamentos, de

movimentos, de coletivos. (LENCINHO, 2023, entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio)

Ao analisar as reportagens e entrevistas apresentadas para a discussão deste capítulo, é possível perceber que desde que surgiu, no Arpoador, o Circo já contribuía para trazer visibilidade para os artistas que por lá passavam. Com o passar do tempo, a lona foi se consolidando cada vez mais dentro do campo da música, sendo impulsionada, também, pelos artistas que ela própria ajudou a consagrar, mantendo-se assim, nesses 41 anos de existência, como um espaço sempre solícito à novidades e de grande importância para alavancar a carreira de jovens artistas e grupos musicais.



5. Show do Barão Vermelho no Circo Voador em 2021



6. Show da Troá no Circo Voador em 2023

Considerações finais:

A partir dos temas apresentados acima, podemos perceber que o Circo Voador é, de fato, um equipamento cultural muito importante para movimentar a cultura do Rio de Janeiro, causando impactos na mesma desde o seu surgimento. Esses impactos causados, que são fundamentais para manter a imagem e a importância da lona, podem ser percebidos através da relação do Circo com a sociedade carioca e com os artistas.

A relação do Circo com a sociedade carioca teve início em 1982, quando ele surgiu como um espaço inovador, trazendo atividades, como oficinas, peças teatrais, shows e muitas outras, que agitaram a cidade naquele verão. Quando foi para a Lapa, o espaço seguiu com uma programação cultural diversa e que mistura diferentes grupos, que até os dias de hoje é uma das principais características da lona, mas agora, ampliou suas atividades, passando a realizar trabalhos junto com a comunidade de suas redondezas, contribuindo para a melhora de qualidade de vida de muitos moradores. Algumas das ações realizadas para a comunidade são a

Creche Apareche, com preço popular e atividades que estimulam o desenvolvimento das crianças, e diversos trabalhos em conjunto com as associações de moradores. Tais ações ajudaram a aumentar o vínculo do Circo com a comunidade.

Toda essa agitação na Lapa, contribuiu, fortemente, para modificar os ares do bairro, que desde a chegada do Circo até os dias atuais, virou um lugar de grande efervescência cultural e que atrai um público diverso. O Circo, que modifica, nos conceitos de Milton Santos (2006), tanto a “paisagem” quanto o “espaço” do bairro também tem seu espaço modificado pelos moradores e frequentadores do local. Assim, ao se apropriar do Circo Voador, a população carioca, também se apropria do bairro da Lapa, contribuindo para dar novos significados ao seu espaço, mantendo o bairro vivo e em movimento.

Para os artistas e grupos musicais, o Circo Voador é considerado um lugar importante para lhes dar maior visibilidade e credibilidade dentro do meio da música, como pôde ser percebido a partir das entrevistas realizadas com Carol Mathias, da dupla Troá, e João Soto, da banda Aquino e a Orquestra Invisível. Essa posição ocupada pelo Circo Voador no imaginário dos artistas, começou a se construir na década de 1980, quando o Circo surgiu e começou a se relacionar com os jovens artistas da época, contribuindo para a sua acumulação de capital simbólico e,consequentemente, sua consagração, dando origem ao BRock. Desde então, com o passar das décadas, a lona continua agindo como descobridora de novidades, ou seja, utilizando todo o capital de consagração do qual dispõe , devido a toda a sua trajetória, para alavancar a carreira de novos artistas, que ao tocarem em seu palco, adquirem um significativo capital simbólico e começam a ocupar espaços mais altos dentro do campo da música, como participação em festivais, convite para entrada em selos e maior credibilidade em editais.

Essa relação que a lona mantém com os grupos musicais, é essencial para a sua sobrevivência, pois faz com que ela mantenha o capital acumulado desde a década de 80 e, assim, continue sendo vista como um local que, apesar de reverenciar o passado, não se prende ele, está sempre olhando para o futuro. Dessa forma, o Circo marca época, mas sem envelhecer, ajudando a criar, a cada década, uma nova geração de artistas na música.

Outro ponto a ser destacado, é que, a partir do que foi dito no trabalho, é possível entender que o Circo Voador não se faz sozinho, ele se faz em coletivo, em conjunto com os artistas que por lá passam e com a comunidade. Essa coletividade é relevante para que o Circo consiga manter a sua essência e continue sempre se atualizando. Por isso, a necessidade desse lugar de abrir espaço para o novo, ouvir nossas bandas, estimular novas discussões e abraçar e valorizar as diferenças.

O capital social, ou seja, a rede de relações, que os artistas consagrados pelo Circo Voador, já possuíam antes de tocar em seu palco, e que também podem ter influenciado em sua consagração e o capital social que os próprios fundadores da lona dispunham, que talvez tenha contribuído para o grande destaque que ela teve na mídia desde o seu princípio, é um tema que carece de ser estudado nesta monografia, ficando, assim como um assunto para ser aprofundado em trabalhos futuros.

Referências:

Bibliografia:

- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário**. 1996
- JUÇÁ, Maria. **Circo Voador: A Nave**. Edição do autor. Rio de Janeiro: 2014
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006
- VIDAL, A. T. V. **História do Circo Voador: Cultura, Sociedade e Democracia no Brasil Contemporâneo 1982/1996**. 2006. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006
- YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013

Mídia:

ALBUQUERQUE, Carlos. Lendas Urbanas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 2002

A.M.B. Artes, jogos, discursos: a despedida do Circo Voador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 01 de abril de 1982

AMORIM, Inês. Chega de saudade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de julho de 2004

BAHIANA, Ana Maria. Após sucesso precoce, um show no Morro da Urca com muito suingue negro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1983

BAHIANA, Ana Maria. No Voador, o espetáculo começa quando você chega. **O Globo**, Rio de Janeiro, 08 de maio 1983

BAHIANA, Ana Maria. Todas as diferenças dançam juntas na primeira noite “punk” do Rio. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 de março de 1983

BAÍÁ, Bebeto. O Circo Voador também toma conta das crianças. [Entrevista concedida a O Globo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1983

BARONE, João. Sob a proteção dos Paralamas. Trio carioca é o anfitrião de cinco jovens bandas no Circo Voador. [Entrevista concedida a Bernardo Araújo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 de abril de 2005

BIONDO, Sonia. A Lapa Voadora. No antigo ‘antro da malandragem’ surge uma pacata área de lazer. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1983

CAMERO, Manoel. Cinco gravadoras se reúnem para ajudar Circo Voador. [Entrevista concedida a O Globo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 de abril de 1996

CAMPOS, Mateus. Todos juntos por Cazuzza. Músicos formam superbanda para celebrar os 30 anos de ‘Exagerado’ no retorno do Circo ao Arpoador. **O Globo**, 11 de junho de 2015)

FERNANDES, José Carlos. Chuvas adiam por uma semana festa ecológica na Quinta. Comida natural do circo é distribuída no morro. [Entrevista concedida a O Globo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 de junho de 1983

FERREIRA, Mauro. Festa no picadeiro pop. **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1992

FILGUEIRAS, Mariana. Respeitável público. Nos 30 anos do Circo Voador, nomes da música lembram histórias vividas sob aquela lona (no palco ou na plateia). **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 2011

FORTUNA, Perfeito. A Lapa Voadora. Todas as diferenças em 'convivência pacífica'. [Entrevista concedida a O Globo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de abril de 1983

FORTUNA, Perfeito. Circo Voador comemora 4 anos de Lapa. [Entrevista concedida a Raquel Cerkes] **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1987

FORTUNA, Perfeito. Perfeito: um vôo direto do Circo da Lapa até Brasília. [Entrevista concedida a Veralu Andrade] **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1985

FREJAT, Roberto. Festa no picadeiro pop. [Entrevista concedida a Mauro Ferreira] **O Globo**, Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1992

GOIS, Ancelmo. Arte é ajudar. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2019

GUIMARÃES, Ana Cláudia. Há 40 anos, surgiu o rock nacional numa lona azul e branca. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de julho de 2021

JOR, Jorge Ben. Jorge Benjor e Ivo Meireles no Salgueiro. [Entrevista concedida a O Globo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1997

JUÇÁ, Maria. Circo Voador se vira com prestígio e criatividade. [Entrevista concedida a O Globo], **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de maio de 2007

LEÃO, Tom. Comício de tudo no Circo Voador. As comemorações de sétimo aniversário do Voador começaram esta semana e vão se estender durante todo o verão. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1989

LENCINHO. E lá se vão 33 anos... [Entrevista concedida a Gilberto Porcidonio]. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 2015

LESSA, Jefferson. O Circo pousou. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de julho de 2004

MAGALHÃES, Luiz Ernesto. Berço do BRock nos anos 80. **O Globo**, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 2004

MENDONÇA, Alba Valéria. Circo Voador reabre dia 22 no coração de uma Lapa renovada. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de julho de 2004

MESQUITA, Evandro. Noite de blues abre série em prol do Circo Voador. [Entrevista concedida a O Globo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1997

MIGUEL, Antônio Carlos. Mais som na madrugada. Circo Voador consegue ajuda, afasta ameaça de fechamento e faz reforma que inclui acústica e palco novos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de junho de 1995

MOTTA, Nelson. Circo alça vôo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1982.

MOTTA, Nelson. O Circo é do Povo como o mar é do Arpoador. **O Globo**, Rio de Janeiro 17 de fevereiro de 1982

O GLOBO. A Lapa Voadora. Todas as diferenças em 'convivência pacífica'. **O Globo**. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1983

O GLOBO. Atitudes que dão certo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de novembro de 2007

O GLOBO. César Maia se irrita com vaias e fecha Circo Voador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1996

O GLOBO. Circo Voador: Agora à sombra dos Arcos da Lapa, uma usina cultural. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1982

O GLOBO. Circo Voador vai ter que respeitar Lei do Silêncio. **O Globo**, Rio de Janeiro 19 de maio de 1995

O GLOBO. Dr. Sin canta em inglês no Circo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1994

O GLOBO. Extinção do Circo Voador em 1992 é alvo de polêmica. **O Globo**, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1991

O GLOBO. Fúnebre: uma nova banda em busca de espaço. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de junho de 1991

O GLOBO. Longa noite de rock nesta quarta-feira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1991

O GLOBO. Maratona roqueira esquenta a Lapa hoje à noite. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de março de 2011

O GLOBO. Moradores da Lapa formam 'grande família' e ceiam no Circo Voador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1982

O GLOBO. Morro dos Prazeres voa alto. Com ajuda do Circo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 27 de março de 1984

O GLOBO. O Circo Voador também toma conta das crianças. **O Globo**, Rio de Janeiro, 24 de abril de 1983

O GLOBO. Recordações voadoras do começo de tudo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1989

O GLOBO. Site Maravilha. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 de abril de 1999

O GLOBO. Sob as asas do Circo Voador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1994

O GLOBO. Uma casa de shows como nenhuma outra. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 de maio de 2018

O GLOBO. Um verão de celebração. Modelo feminino para dias de sol: cabelo curto, jeito moleque. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1982

O GLOBO. Circo Voador finalmente decola a partir de amanhã. **O Globo**, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1982

O GLOBO. Esforço coletivo em busca da reabertura do Circo Voador. A maratona musical vai reunir artistas em dez shows. **O Globo**, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1997

PAINS, Clarissa. Onde a natureza dá show. Livro de fotógrafo, com texto de Gilberto Braga, mostra as belezas do Arpoador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 18 de agosto de 2014

PEREIRA, Mônica. SCHMIDT, Selma. Circo Voador recebe solidariedade. Moradores têm opiniões diferentes quanto à cassação do alvará. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1996

ROSSI, Alexandre. Circo Voador se vira com prestígio e criatividade. [Entrevista concedida a O Globo], **O Globo**, Rio de Janeiro, 26 de maio de 2007

SILVA, Beatriz Coelho. Circo Voador: três anos na 'panela de pipoca'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1985

ULHÔA, John. O mundo gira e o Pato Fu ainda roda. [Entrevista concedida a Bernardo Araújo] **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 de setembro de 2005

WAMBIER, Ana. Um mosaico musical. Circo Voador abrigará shows de diferentes estilos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 2003

Entrevistas:

LENCINHO. Entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio. 2023

MATHIAS, Carol. Entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio. 2023

SOTO, João. Entrevista concedida ao autor, via mensagem de áudio. 2023

Vídeos:

LENCINHO.. **40 ANOS DO CIRCO VOADOR E 10 ANOS DO CANAL CURTA.** [Entrevista concedida ao] Canal Curta! 2022

MORENAH, Gaby. **40 ANOS DO CIRCO VOADOR E 10 ANOS DO CANAL CURTA.** [Entrevista concedida ao] Canal Curta! 2022